

cultura&informação

A REVISTA DO SABIN

2º semestre de 2026 – ano 32 – nº 90

COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades

Part of iSP International Schools Partnership

Uma nova jornada, muitas possibilidades

Na primeira visita de aprendizagem de que participei, emocionei-me. Não porque nunca tivesse realizado uma observação ou avaliação de aula, mas porque, nesse modelo, o olhar se volta para o aluno e para a maneira como ele aprende. Por meio de suas próprias palavras, cada estudante com quem conversei revelou um pouco de seu percurso e de suas descobertas. Adotadas pelas escolas ISP em todo o mundo, as visitas de aprendizagem seguem uma metodologia que orienta o olhar de quem observa e permite identificar, em tempo real, como o conhecimento está sendo construído em sala de aula. Reconhecer evidências desse processo a partir do relato dos próprios estudantes é uma oportunidade valiosa de reflexão sobre o cotidiano pedagógico e de acompanhamento do desenvolvimento de cada turma. Essa foi uma das primeiras atividades que realizamos durante o processo de *onboarding*, nesta nova parceria. O encantamento que senti diante da aprendizagem que se torna visível simboliza um pouco o momento que estamos vivendo. Nossa escola pulsa de vida, de novidades e de descobertas.

Encerramos 2026 com muito a celebrar! O recém-inaugurado prédio Tarsila do Amaral acrescenta 5.000 m² ao nosso *campus*, oferecendo ambientes renovados e inspiradores para as atividades do Sabin Bilíngue e de todas as demais turmas. O contato com as diferentes equipes da ISP, desde nossos pares de outras instituições até os líderes globais de cada área, tem nos estimulado a compartilhar experiências, conhecer iniciativas e incorporar boas ideias. Em todos os encontros, um mesmo princípio orienta as conversas: o aluno no centro de tudo o que fazemos e oferecemos.

Inspirados por referências internacionais, estamos revisitando e aperfeiçoando nossos protocolos de saúde, segurança e salvaguarda. A reflexão sobre o trabalho pedagógico também ganhou novo impulso, tanto com as visitas de aprendizagem quanto com as formações e os cursos de que estamos tendo a oportunidade de participar. Nossa estrutura de gestão ganhou novo dinamismo com o envolvimento de vários colegas nos diferentes comitês e na liderança dos cinco pilares - Desempenho acadêmico, Multilinguismo, Competências para a vida, Oportunidades internacionais e Caminhos de futuro. A cada encontro, perspectivas se ampliam e caminhos se abrem para o Sabin.

Se 2026 foi dedicado à aproximação e ao aprendizado, 2027 será marcado pela implantação dos pilares e pela partilha, com toda a nossa comunidade, daquilo que hoje nos entusiasma e inspira. Nesta edição da Mais, o Diretor de Aprendizagem no Brasil, Prof. Lyle French, fala sobre os conceitos da ISP, e eu espero que esse contato desperte a curiosidade e o interesse de todos em acompanhar os próximos passos de nossa jornada.

Ao lado do entusiasmo pelo futuro e pelas experiências que poderemos proporcionar aos nossos alunos, há em mim um profundo sentimento de gratidão por aqueles que construíram os primeiros capítulos dessa história, Sr. Gisvaldo de Godoi, Sra. Neusa Godoi e Dra. Cristina Godoi de Souza Lima. A eles, agradeço, em nome de toda a nossa comunidade, pelas gerações de jovens que se formaram ao longo desses 30 anos, e por todas aquelas que ainda virão, beneficiando-se das possibilidades ampliadas pela nova parceria. Parceria escolhida com muito cuidado por quem sempre dedicou todo carinho à nossa instituição, e assegura, assim, a continuidade e o futuro desse legado.



Giselle Magnossão
Diretora pedagógica
do Colégio Albert Sabin



Revista do Sabin,
2° semestre 2026
ano 32 – n° 90
Aluna da capa:
Antonela, 6° ano
do Fundamental
– Anos Finais.

A Revista Mais é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

Colégio Albert Sabin
Av. Darcy Reis, 1.901,
Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP
(11) 3712.0713
www.albertsabin.com.br

Escola AB Sabin
Av. Martin Luther King,
2.266/2.280, São Francisco,
São Paulo/SP – (11) 3716.5666
www.absabin.com.br

Fundadores:
Gisvaldo de Godoi,
Neusa A. Marques de Godoi
Direção geral:
Cristina Godoi de Souza Lima
Direção pedagógica:
Giselle Magnossão (Albert Sabin),
Silvia Adrião (AB Sabin)
Direção administrativa:
Fernando A. Mello
Marketing: Adriana Vaccari,
Leidyla Nascimento
Colaboradores: Áurea Bazzi,
Denise Araújo, Dionéia Menin,
Giselle Magnossão,
Graziella Matarazzo,
Sandra Lieven, Paulo Rogério
Vieira, Silvia Adrião, Suzy Vieira
Jornalista responsável:
Juliana Bógus Saad
(MTB 42.386/SP)
Designer: Giovanna Angerami
Fotografias: Jesse Matos,
Equipe Pedagógica

2º semestre 2026

4+5  **Conversa Paralela**
Lyle French explica a abordagem Learning.First.™

6+7+8  **Educação Infantil**
As diversas *leituras* da criança para compreender o mundo

9+10+11  **Fundamental – Anos Iniciais (EFAI)**
O uso dos gêneros textuais para desenvolver a leitura e a escrita

12+13  **Fundamental – Anos Finais (EFAF)**
Aulas de arte: um espaço de formação integral

14+15  **Ensino Médio**
Atenção às conexões humanas e ao isolamento social

16+17  **Multilinguismo**
Mais sobre o programa Sabin Bilíngue

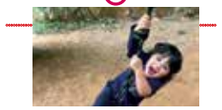
18+19  **Esportes & Cultura**
A chegada das atividades de *Climbing, Parkour, Skateboarding* e *Circus Arts*

20+21  **A Gente Quer Saber**
Pesquisadoras de Harvard respondem perguntas sobre a IA na Educação

22+23  **Livre Expressão**
Feminino, masculino, respeito e posicionamento - Quem você quer ser?

24+25  **Tecnologia e Inovação**
Curso de Novas Tecnologias abre as portas do mundo para os estudantes

26+27  **Encantamento**
O impacto do voluntariado e do trabalho solidário dentro e fora da escola

28 → 32  **AB Sabin**
A importância do movimento na aprendizagem

Aprendizagem no centro de tudo

Como funciona a abordagem educativa da ISP



Lyle French

O canadense naturalizado brasileiro **Lyle French** é o *Regional Learning Director* da ISP no Brasil. Formado em Psicologia, pós-graduado em Educação Bilíngue e mestre em Educação, Mr. French trabalha no desenvolvimento pedagógico com o objetivo de garantir que o ensino valorize mais do que só os resultados, centrado no aluno e na aprendizagem.

O que é Educação?

Para mim, a Educação é muito mais do que a simples transmissão de conteúdo. Ela se concentra no processo de aprendizagem pelo qual o aluno assimila e se apropria do conhecimento, e no qual ele desenvolve a capacidade de utilizar criativamente novos conhecimentos para solucionar problemas. Eu incentivo práticas de ensino dinâmicas e colaborativas, que despertem um interesse duradouro pela aprendizagem.

Como a ISP identifica a aprendizagem?

Ela tem três dimensões: *knowledge* (conhecimento), compreensão e habilidades. Por exemplo: saber nome e local de estados e capitais é conhecimento, é conteúdo rápido, vem com memorização. A compreensão tem mais profundidade, não vem tão rapidamente; exige pensar sobre detalhes como o contexto histórico ou o que influenciou a região. Já as habilidades, ou competências, só são adquiridas com o tempo, praticando, repetindo: *do it again*, *and again*; saber escrever a respeito, contextualizar, relatar verbalmente, comparar dados e resolver problemas são habilidades. Na ISP, aprendizagem é o processo de evoluir em conhecimento, compreensão e habilidades; o foco do ensino deve estar nas três dimensões, não apenas na transmissão do conteúdo. E queremos que o aluno consiga identificar a própria aprendizagem nesse formato, que é também a linguagem que o professor Learning.First.™ deve usar nas aulas, nos planejamentos e nos objetivos. Assim, se eu pergunto a um estudante "No que você está trabalhando neste momento?", ele vai saber dizer: "Estou focado neste conhecimento", "Estou dedicando tempo a compreender isto", "Estou desenvolvendo esta habilidade". Além dos **tipos de aprendizagem**, precisamos identificar **a fase de aprendizagem** em que cada aluno está. Isto é: aquele conhecimento é novo ou já está em um processo de consolidação? Mais importante ainda: o aluno está vivenciando um "desafio produtivo" - um esforço positivo em que realmente usa o raciocínio para aprender? Ou está estagnado - apenas cumprindo tarefas, completando atividades, sem um engajamento cognitivo real? Na ISP, queremos que a maioria dos alunos, na maior parte do tempo, esteja vivenciando esse "desafio produtivo". É por isso que fazemos perguntas específicas: para entender, de fato, em que ponto da aprendizagem eles estão naquele momento. Adaptar-se a todo esse formato é um processo lento, *slow burn*, mas nós damos o suporte - com *workshops* e o *handbook* da Learning.First.™.

O que é Learning.First.™?

É o centro em torno do qual a ISP organiza sua abordagem educativa. É um dos nossos três pilares fundamentais: **Aprendizagem** (Learning.First.™); **Cultura** (juntos vamos mais longe); e **Estratégia** (ser a escola de escolha na região). A Learning.First.™ tem três frentes: *our students,* nossos alunos, *our schools*, nossas escolas, e *our people,* nossas equipes. Essa abordagem foi desenvolvida na ISP com base em pesquisas feitas ao longo dos últimos 15 anos - principalmente nos Estados Unidos, no Canadá e na Inglaterra. Analisamos dados e fizemos levantamentos em sala de aula com um questionamento central: "Os estudantes estão aprendendo de verdade? Como sabemos?". Na Learning.First.™, a aprendizagem e o aluno vêm em primeiro lugar, acima do desempenho acadêmico. Boas notas nas provas são importantes, claro, mas queremos mais do que resultados; queremos garantir que as aulas tenham engajamento total e que os alunos estejam aprendendo todos os dias.

Na prática, como essa abordagem é aplicada com os alunos?

Temos ***5 Learning Pillars***: *Academic Achievement* (Desempenho acadêmico), *Multilingualism* (Multilinguismo), *Life Competencies* (Competências para a vida), *International Learning Opportunities* (Oportunidades internacionais) e *Future Pathways* (Caminhos de futuro). Esses pilares indicam o que a ISP se compromete a desenvolver em cada estudante. Para isso, precisamos ter evidências do que o aluno está - ou não - aprendendo em cada aula. Coletamos essas evidências perguntando diretamente ao aluno na sala de aula e em tempo real - durante o que chamamos de *learning visits*, ou visitas de aprendizagem.

Como funcionam essas visitas?

Uma *learning visit* é feita sempre em dupla - entre coordenadores, assessores, professores e eu. Entramos na sala durante a aula, com foco no aluno, escolhemos ao menos oito por dupla, e perguntamos sobre a aprendizagem naquele exato momento: "O que você está aprendendo nesta aula? Está fácil? Está difícil? No que você está melhorando hoje e como sabe disso?". Com as respostas, identificamos evidências relacionadas a conhecimento, compreensão e habilidades - onde está forte, ou fraco. Às vezes, o aluno não sabe responder usando as três dimensões da aprendizagem, é por isso que trabalhamos para explicitar esses conceitos na comunicação e na linguagem dos professores: se usarmos sempre esse formato, os alunos saberão responder melhor. Perguntamos também: "Quando você não entende alguma coisa, o que faz?". Algumas vezes, eles dizem que vão tirar dúvidas depois, na internet ou em casa, e confesso que isso me dói. Porque estamos na escola para ajudar o estudante a entender. Queremos que ele se sinta confortável e com ânimo para tirar dúvidas durante a aula. Só conseguimos chegar a essa profundidade de relação com nossos alunos se nos sentamos ao lado deles e fazemos perguntas. É isso que são as *learning visits*: *check-up* e coleta de evidências.

De que forma essas evidências são utilizadas?

Saímos de cada visita com, no mínimo, oito evidências. Depois, a Learning.First.™ nos ajuda a organizá-las para que possamos fazer sugestões ao professor: uma ou duas mudanças que possam ser aplicadas rapidamente, nas aulas seguintes, para solucionar alguma questão que tenha ficado evidente nas visitas. Precisamos usar as evidências com foco sistemático no planejamento das aulas e no monitoramento da aprendizagem para, assim, conseguir entregar o que todos nós - escola e pais - queremos: não apenas desempenho acadêmico, mas também estudantes firmes e fortes, colaborativos, com pensamento crítico e criativo, com as habilidades emocionais, sociais, digitais e fundamentais para a vida.

E quais são as estratégias da Learning.First.™ nas outras frentes?

Para a escola, a estratégia é o LIP, *Learning Improvement Process* - processo de autoavaliação e melhoria contínua; as evidências que dão suporte ao LIP também vêm das *learning visits*. Para a equipe - todos que trabalham na escola -, temos o *Professional Learning*, que inclui formações e desenvolvimento para sustentar as melhorias da aprendizagem ao longo do tempo; inclui muitos recursos de tecnologia, principalmente o *Learning Hub* - plataforma com cursos e ferramentas que ajudam os professores no planejamento de aulas de alto impacto, e dá acesso à SANA - a IA do grupo ISP, uma rede fechada de consulta e apoio.

As leituras da criança

Além de aprender a ler palavras, a criança começa a entender o mundo lendo imagens, movimentos, códigos, materiais, situações e desafios







Imagine uma criança sentada em frente a uma obra em uma exposição de arte. Ao olhar o desenho, ela diz: "Tem um sol, um barco, um homem pegando um peixe na água". Essa leitura espontânea diante de uma imagem, de um gesto ou de qualquer outro tipo de contexto, é uma das primeiras estratégias que a criança usa para tentar entender o mundo. Antes de decifrar totalmente as palavras e ler textos, a criança lê o movimento de um colega e experimenta fazer igual - enriquecendo seu repertório corporal; observa objetos e suas características, compara, classifica e descobre o que é possível fazer com cada um - iniciando seu processo de autonomia e autoria; interpreta códigos para realizar tarefas e resolver desafios - despertando o raciocínio e a criatividade. "Nesta fase, estamos no processo de letramento em diversas áreas. Todas as leituras, ou aprendizagens, são sistematizadas na escola e continuam sendo desenvolvidas ao longo da vida. Além da alfabetização textual, podemos falar em alfabetização estética, corporal, científica", exemplifica a coordenadora Silvia Adrião. Na Educação Infantil, a criança vai criando referências e construindo um vocabulário próprio para ler cada universo - e desbravá-lo.

Uma leitura leva a outra

"Depois da leitura espontânea da criança diante de uma obra, sem interferência do adulto - o que é muito importante no primeiro momento -, passamos a provocar a investigação para aprofundar a alfabetização visual", relata a professora e assessora de arte Roberta Moretti. "Conto que o artista sempre deixa pistas na obra para conseguirmos ler o que ele quer comunicar. Então, a turma traz seu vocabulário cotidiano e nós vamos inserindo o vocabulário artístico. Que cores o pintor usou? Quais formas vemos aqui? O que mais pode estar acontecendo na cena? As pessoas parecem felizes ou tristes? Fazer esse desenho foi fácil ou difícil? Você gosta do que vê?" A leitura artística começa a despertar a sensibilidade, a curiosidade, a percepção dos detalhes, a vontade de investigar, de aprender e de compreender. "Tudo isso vai ajudar o aluno, entre outras coisas, a ser capaz de fazer escolhas e de realizar produções autorais", afirma Roberta.

A professora Debora Gazola Pleul, do Infantil 4, destaca como a leitura gráfica vai levando à leitura textual. Primeiro a criança visualiza e entende as linhas - retas, curvas, zigue-zague, espiral - e, então, desenha, experimenta,











observa. Até que identifica linhas, por exemplo, no próprio nome: "A Manoela descobriu que o M é um zigue-zague; começou a se apropriar da escrita do nome por meio da leitura das linhas", avalia Debora, pontuando que trabalhos de vários artistas são usados para potencializar leituras gráficas, artísticas e visuais - como Piet Mondrian, com suas retas e cores primárias, e Yayoi Kusama, com suas bolinhas e curvas. "Oferecemos experiências que favorecem as leituras interligadas como estratégia para aprender. E a criança vai armazenando e acumulando repertórios."

O barquinho de papel

Se o processo de ler um código é individual, encontrar formas diferentes de ler o mesmo código é um processo coletivo. Abrir espaço para que as crianças compartilhem suas leituras é fundamental na Educação Infantil, conforme mostra um projeto gerado pelo livro Pinóquio: investigando materiais, como madeira, argila, metais, arames, alumínio, tecidos e papeis, as crianças criaram brinquedos. Entre eles, barquinhos de papel que quiseram levar para brincar na piscina durante a aula de natação. Os barquinhos boiaram por alguns segundos, mas logo afundaram. "Todos ficaram chateados. Então, pegamos os barquinhos desmanchados e propusemos uma reflexão em grupo: o que acontece com esse tipo de papel quando molha? Por quê? Como nos sentimos? Como lidar com essa frustração?", lembra a professora Debora. A aprendizagem teria sido concluída ali, não fosse a partilha de leituras. Um dos alunos deu a ideia: "E se fizermos um barquinho de papel alumínio?". E outros seguiram: "Vamos fazer um de pano!", "Ou de folha de árvore!". Com a onda de sugestões, as professoras selecionaram novos materiais, a turma fez diversos barcos e testou todos na água. "Quantas aprendizagens o coletivo trouxe! A partilha na roda de conversa tem esse poder em todas as áreas: a ideia que está na cabeça de um gera ideias nos outros e a leitura de mundo deles vai ficando mais rica!", conclui Debora.



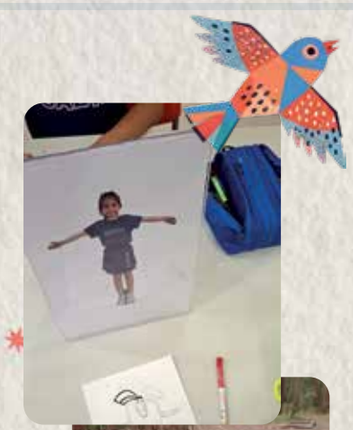


















"Nunca é demais relembrar como é importante que o adulto passe tempo de qualidade com a criança. Esteja integralmente presente e escute. Desacelere, desconecte-se. Para a criança ler o mundo com você, sua presença verdadeira é o que mais importa!", alerta a orientadora Andrea Ferreira.





Para desenvolver as leituras da criança:

1. Evite antecipar o que a criança vai pensar ou responder diante de qualquer situação; ao contrário, a cada resposta, pergunte mais: "O que *você* acha? O que *você* imagina? O que você sente?".
2. Esteja integralmente presente com a criança na leitura, na brincadeira, na conversa.
3. Estimule desafios corporais e riscos aceitáveis, sem medo ou receio de que a criança caia ao escalar degraus ou se machuque ao subir em uma árvore; fique de olho, mas deixe que ela experimente até onde conseguir alcançar sozinha.
4. Brinque com a arte - motive a criança a inventar diferentes histórias para uma obra e crie junto.
5. Brinque com a literatura - explore leituras por etapas, estimulando a criatividade em cada trecho; incentive recontos: leia junto e depois peça à criança para contar com as próprias palavras o que entendeu e sentiu.
6. Proponha brincadeiras novas, jogos que trabalham diferentes habilidades, atividades para a criança se expressar.
7. Visite exposições, bibliotecas, parques e lugares diferentes para a criança ler o que vê ao redor.
8. Não permita telas.

Sugestão de leitura:
Educar na curiosidade, de Catherine L'Ecuyer



A função do texto

Como os gêneros textuais ajudam a desenvolver a fluência leitora e a escrita

"Hoje é domingo, pede cachimbo. O cachimbo é de barro, bate no jarro. O jarro é de ouro, bate no touro. O touro é valente, bate na gente..." Você sabia que isso é uma parlenda? E sabia que parlenda é um gênero textual? Assim como poema, bilhete, carta, cordel, fábula, contos, clássicos, relatos, notícias e tantos outros. Muitos deles são trabalhados com os alunos do 1º ao 5º ano do Fundamental, de acordo com a faixa etária, para desenvolver a fluência leitora, a escrita e a comunicação geral. O objetivo é formar, até o final dos Ano Iniciais, leitores críticos, que consigam entender o mundo e expressar suas ideias. "Para que o estudante entenda a função do texto no mundo, mostramos para que servem os gêneros textuais e como são aplicados no dia a dia. O contato com diferentes gêneros dá mais oportunidades para a criança estabelecer relações entre o que lê, o que sente e o que vive; investigamos 'quem eu sou e do que eu gosto' para que cada um descubra o que gosta de ler", explica a professora de português Iracema Oliveira.

Nas aulas, ela procura criar condições para que cada aluno consiga se posicionar perante as histórias que lê e identificar o tipo de leitura que mais lhe agrada - entre gêneros, estilos e autores - e por quê. "A partir dessa identificação, exercitamos o hábito de ler promovendo sempre o prazer, para que a leitura não seja somente uma obrigação escolar", completa a professora.

Ao trabalhar com clássicos literários, por exemplo, Iracema buscou compreender com os alunos do 5º ano por que determinadas obras seguem despertando interesse ao longo do tempo, por gerações. Com a leitura de alguns livros, os estudantes perceberam como a literatura pode dialogar com as transformações científicas, tecnológicas e sociais de um período; viram as relações entre literatura e contexto histórico, entre conhecimentos científicos de uma época e a imaginação de novos universos. Entenderam que um clássico se mantém vivo assim: entre o que a obra revela de seu tempo e o que ainda desperta em







quem a lê depois de décadas. "O livro 'A volta ao mundo em 80 dias' me despertou a vontade de viajar e descobrir o que existe de legal em todos os países", declara o aluno Athos. "Gostei do livro do Júlio Verne pois achei interessante como ele mostra um pouco da cultura de cada país. As situações-problema e a pressão do prazo da aposta me fizeram querer ler mais", diz Elis. "Li 'Hugo Cabret' e achei muito legal! Principalmente, pelo fato do Hugo mexer com ferramentas e construir relógios e brinquedos. É um livro misterioso que me causou fortes emoções", revela Theo.

Como nos **clássicos**, há aprendizagens específicas que cada gênero textual pode proporcionar. **Parlendas e poemas** ajudam a entender ritmo, sonoridade, rimas, memória, oralidade, sentidos figurados e expressões da linguagem. **Cordel**, além da musicalidade, oferece conhecimento da cultura popular brasileira. **Bilhetes e cartas** trazem a escrita com finalidade prática, adequação ao destinatário, clareza na transmissão de mensagens, organização, intenção e estrutura textual. Com as **fábulas**, há interpretação de comportamentos e conflitos, reflexão sobre valores e construção de argumentos. Nos diversos tipos de **contos**, a criança interpreta narrações, personagens, cenários, embates e desfechos, diferentes olhares sobre uma questão, e aprende sobre diversidade cultural e ancestralidade. A **divulgação científica** desperta a curiosidade e a observação, mostra o que são conceitos, relaciona informações e evidências. **Notícias e reportagens** - como as que os alunos do 3º ano produzem para a Revista Qualé - ensinam a apurar, analisar dados, consultar fontes, identificar temas sociais, culturais e científicos, a destacar as informações principais e a distinguir fatos de opiniões. **Relatos** permitem reconhecer experiências individuais, detalhar memórias, descrever lugares, usar sequências de tempo, narrar acontecimentos de diferentes formas. A **narrativa literária** ensina a trabalhar autoria, com enredo, personagens, foco, tempo e espaço.

Para gostar de ler

Entre os livros trabalhados no EFAI, além de "A volta ao mundo...", de Júlio Verne, e "A invenção de Hugo Cabret", de Brian Selznick, estão: "O quintal da minha casa", de Fernando Nuno, "Brasil 100 palavras", de Gilles Eduar, "A arca de Noé", de Vinicius de Moraes, "Felpo Filva", de Eva Furnari, "Meu primeiro livro de contos de fadas", de Mary Hoffman, "Rimas animais", de César Obeid, "Navegando pelo folclore", de Douglas Tufano, "Histórias à brasileira - Vol 2", de Ana Maria Machado, "Lendas da África Moderna", de Heloísa Pires Lima, e "O gênio do crime", de João Carlos Marinho. A coordenadora Dionéia Menin ressalta que as leituras escolhidas contemplam os gêneros mais importantes para a infância; são exemplos de textos de qualidade para estimular a leitura fluente e prazerosa. "A criança vai gostar de ler se tiver bons modelos e boas experiências. Queremos que a nossa comunidade resgate as razões pelas quais ler é importante para todos; as famílias são necessárias e essenciais no processo de despertar na criança o prazer de ler", afirma Dionéia. As boas leituras são fundamentais e, como sugestão, a coordenadora indica a plataforma arvore.com.br, que oferece excelentes opções para as crianças e tem especial cuidado com a faixa etária do EFAI.



















Avaliação da fluência leitora

"Os gêneros textuais subsidiam todo o trabalho de leitura que fazemos. As habilidades que avaliamos na fluência leitora são essenciais para que, até o final do 5º ano, o aluno seja capaz de ler com compreensão e interpretação - além da simples decodificação."
Karla Ramos, assessora de Língua Portuguesa.

Fluidez - Observamos se lê sílaba por sílaba, palavra por palavra, ou em grupos de palavras descontextualizadas do sentido; se lê sem solavancos e vai reconhecendo automaticamente as palavras; se lê com continuidade entre uma palavra e outra.

Velocidade - Depende do ritmo e do esforço. Avaliamos se lê alternando velocidade lenta e rápida, com dificuldades em decodificar; se lê rapidamente, mas com erros que comprometem a compreensão; ou se lê como a fala espontânea, com naturalidade.

Expressividade - A leitura é monótona e robotizada, com esforço concentrado na pronúncia das palavras? Há cadência rítmica? Há cadência, mas pouca interpretação expressiva? A cadência oscila, mas ainda tende a ser descompassada? Há variação melódica adequada, com utilização de recursos expressivos de ênfase e com boa cadência? Além de tudo isso, o leitor imprime atitudes e emoções relacionadas às diferentes passagens do texto?



Arte: aprender a olhar, pensar e transformar

Entre conhecimento, pesquisa e criação, as aulas de arte convidam o estudante a compreender o mundo e a participar de suas transformações

Para conhecer o mundo, podemos medi-lo, investigá-lo e observá-lo por diversos ângulos. Podemos estranhar aquilo que parecia familiar, descobrir sentidos escondidos no que vemos e encontrar perguntas onde antes só havia certezas. Nesse universo de possibilidades, a arte é um espaço de conhecimento em que aprender a olhar é também aprender a pensar. Estudar arte significa compreender como diferentes sociedades produziram imagens, objetos e manifestações culturais, investigar os sentidos dessas produções e reconhecer que elas participam da construção das nossas ideias sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre a realidade. Na escola, o ensino dessa disciplina vai muito além da expressão de sentimentos ou do desenvolvimento de habilidades manuais: "A arte é um campo de conhecimento como qualquer outra área, com história, técnicas, linguagens e processos", explica a professora Ana Carina Marques, autora do livro "Plantar Arte". O trabalho no EFAF foca em oferecer aos estudantes instrumentos para conhecer, interpretar e questionar produções artísticas para que eles possam, então, construir seus próprios percursos de criação.

Para criar, é preciso conhecer. Para interpretar, é preciso aprender a olhar. Por isso, o currículo do Sabin oferece contato com produções de diferentes tempos, lugares, culturas e linguagens: do clássico ao contemporâneo, das tradições populares brasileiras às manifestações artísticas de outros povos. Ana Carina observa que conhecer a produção artística da humanidade importa porque é o que marca cada época: "O que permanece das civilizações, o que não foi destruído é, em geral, a produção cultural e artística dos povos". Nas obras, nos objetos e nas manifestações culturais, encontramos vestígios de diferentes modos de viver, pensar, acreditar, imaginar e organizar a experiência humana. Estudar arte é entrar em contato com essa memória coletiva e compreender que cada produção carrega marcas de seu tempo, sem deixar de abrir possibilidades de interpretação no presente.

Esse encontro com a diversidade serve para apresentar diferentes estilos, artistas e obras, o que ajuda a compreender que aquilo que consideramos belo, estranho, difícil ou familiar não é universal nem imutável; as percepções são construídas cultural e historicamente. Uma imagem que, à primeira vista, parece simples pode revelar uma elaborada pesquisa; uma obra que causa estranhamento pode nos levar a rever conceitos que não havíamos questionado. A professora e assessora Roberta Moretti chama a atenção para essa transformação do olhar: "A leitura de uma imagem muda quando olhamos outra vez, depois de novas vivências e de adquirir mais repertório". Este talvez seja um dos aprendizados mais importantes da arte: olhar outra vez, voltar a uma imagem depois de conhecer seu contexto, observar novamente uma forma após experimentar seus procedimentos, perceber outras camadas de sentido quando encontramos referências que antes desconhecíamos. Aos poucos, o olhar deixa de ser apenas reconhecimento e se torna investigação.

Da pesquisa à criação: aprender fazendo e pensando

Nas aulas de arte, o conhecimento não termina na observação de uma obra, assim como a criação não começa e termina em um impulso espontâneo. Entre uma ideia e uma produção existem perguntas, escolhas, tentativas, descobertas e revisões. Criar é percorrer um caminho que nem sempre se revela por inteiro no início. Por isso, as aulas são organizadas em projetos que articulam pesquisa, planejamento, experimentação e produção. Os estudantes conhecem referências, investigam linguagens, exploram materiais e procedimentos, realizam esboços, testam possibilidades e analisam os resultados de suas escolhas. "No trabalho de arte, pontuamos para o aluno questões e objetivos que esperamos que alcancem. Fazemos arte também para expressar emoções e a sensibilidade ocupa um lugar central, mas, para criar soluções e evoluir, são indispensáveis as escolhas racionais e o exercício de habilidades como planejamento, coordenação motora e persistência — no estudo e na prática", sintetiza a professora Isabella Chiavassa. O trabalho com xilogravura realizado por ela com o 8º ano exemplifica essa articulação entre conhecimento e fazer artístico. Ao trabalhar com a madeira e o processo de impressão, os estudantes precisam investigar luz, sombra e textura, compreender a inversão da imagem e antecipar as consequências de cada escolha. Não basta ter uma ideia: é necessário descobrir como realizá-la, conhecer os materiais e desenvolver os procedimentos que permitirão transformá-la em uma imagem impressa. O resultado final importa, mas ganha sentido quando compreendemos tudo aquilo que foi necessário investigar e construir para chegar até ele. O professor acompanha como mediador: apresenta referências, propõe questões, orienta experimentações e ajuda a reconhecer problemas e alternativas; seu papel não é determinar uma resposta, mas criar condições para que cada aluno desenvolva autonomia.

Nas propostas em grupo, os estudantes precisam compartilhar ideias, negociar decisões, dividir responsabilidades e aprender a lidar com diferentes maneiras de pensar e fazer. O trabalho coletivo coloca em evidência algo essencial: nossas ideias não se desenvolvem isoladamente; podem se transformar no contato com outras perspectivas. Isso não significa abrir mão da autoria individual. Ao contrário, é no diálogo com referências, materiais e pessoas que cada estudante pode reconhecer melhor suas escolhas e construir uma linguagem própria. Cada aluno mobiliza seu repertório, realiza escolhas e encontra soluções que não precisam coincidir com as dos colegas. Cabe ao professor acompanhar as relações, favorecendo a escuta, a colaboração e a resolução de conflitos. Criar junto é aprender que as diferenças ampliam a investigação, e é ter responsabilidade diante do próprio trabalho e do trabalho dos outros. As exposições pelos espaços da escola permitem compartilhar com colegas e famílias a diversidade de respostas que nasce de uma experiência comum.

A coordenadora do EFAF, Sandra Lieven, destaca: "Os alunos são orientados a olhar com calma, observar detalhes, esboçar, refletir e se conectar com suas próprias ideias — antes de transformá-las em produções artísticas. É um espaço privilegiado de formação integral". Essa formação acontece quando o estudante aprende a observar antes de julgar, a pesquisar antes de concluir e a reconhecer que existem diferentes maneiras de representar e interpretar a experiência humana. Acontece quando o estudante compreende que as imagens participam da construção de valores e identidades, que a cultura é diversa e que nossas percepções podem ser ampliadas pelo contato com outras experiências. O ensino de arte contribui, assim, para uma formação que articula conhecimento, sensibilidade, autonomia e pensamento crítico.









Ensino Médio

A importância das conexões humanas

Saúde social: não podemos normalizar o isolamento dos jovens

Pertencer a uma comunidade, encontrar gente de verdade, conversar, escutar e ser escutado são experiências que ajudam a formar uma pessoa. Somos seres sociais, e isso vale para todos, não se trata de preferência ou característica de personalidade: o cérebro humano possui sistemas especializados em perceber os outros, interpretar suas emoções e intenções, e orientar nosso comportamento a partir disso. É o que a neurociência chama de "cérebro social". Portanto, mesmo para os mais introspectivos, cultivar relações interpessoais e se conectar com o outro é essencial para o desenvolvimento cerebral - especialmente na adolescência. "É dado de pesquisa: a integração social, principalmente as relações mais próximas, são fatores que contribuem muito para uma vida longa e saudável. Saúde física, saúde mental e saúde social formam o tripé do bem-estar; se faltar um dos pés, caímos", observa a coordenadora Áurea Bazzi.

"Saúde social" é como a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a definir as conexões humanas e suas funções. As questões relacionadas à saúde social já extrapolam o debate sobre o desenvolvimento cerebral: dados da OMS divulgados nos últimos anos revelaram que uma em cada seis pessoas no mundo sofre com isolamento e solidão, com taxas elevadas entre adolescentes. E pessoas com isolamento social têm 73% mais risco de mortalidade precoce do que as que têm conexões fortes. Quer dizer, o isolamento social já está comprovadamente relacionado a alterações biológicas no organismo, causando maior vulnerabilidade a doenças. Isso significa que a saúde social - ou o convívio com família, amigos, amores, times, colegas, vizinhos e até desconhecidos com quem podemos cruzar diariamente - é essencial para que a mente e o corpo não adoeçam!

Bom dia! Como vai? Tudo é um processo.

Dentro da escola, a preocupação com as relações interpessoais tem aumentado para que o isolamento social não seja "normalizado". O ambiente escolar tem sido constantemente repensado por educadores para que possa contribuir com a conexão entre os alunos e com o desenvolvimento de suas habilidades sociais. Para a professora de literatura Thais Prado, a construção de um ambiente saudável que fomente boas relações começa em gestos aparentemente simples e triviais, mas que, repetidos cotidianamente, estabelecem afeto e confiança: um sorriso, um cumprimento gentil e amoroso, um agradecimento, um incentivo, uma despedida carinhosa. Por experiência própria, ela garante que isso fortalece o adolescente. Porque cria um espaço, primeiro, de relações reais, e, segundo, de conforto e segurança para conversas de qualidade se uma situação de isolamento acontece. "Fortalecer o estudante significa ajudá-lo a construir recursos para enfrentar diferentes momentos da vida - e as relações humanas têm papel central nesse processo. Além de cultivar práticas de respeito diário, com gestos saudáveis e acolhedores, nós, adultos, devemos lembrar o adolescente que uma dificuldade ou um resultado ruim não o define, pois tudo é um processo (ele não conseguiu *ainda*!). E faz parte desse processo ter altos e baixos, dias felizes ou decepcionantes. Compreender isso ajuda o jovem a se manter forte, seguro para ser quem é, para fazer amizades, para trabalhar e viver em grupo - afastando sentimentos que levam ao isolamento, como a autoestima ferida", acredita Thais.

Redes não são comunidades

Um alerta tem sido enfatizado por pesquisadores que estudam saúde social: usar a tecnologia para apoiar e facilitar as conexões humanas tem sinal verde; para complementar as relações, tem sinal amarelo; para substituir, tem sinal vermelho piscante com sirenes! Redes sociais, amigos virtuais e inteligências artificias não substituem conexões humanas. Para o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin, criador da Teoria da Complexidade, a diferença essencial entre redes e comunidades reside na profundidade dos laços. Para ele, a complexidade está naquilo que é "tecido junto": indivíduos, relações, experiências e contextos que se influenciam mutuamente. "Por isso, devemos estimular o jovem a buscar diferentes espaços de convivência, pertencimento e comunidade", lembra Áurea. A escola oferece isso quando reúne os estudantes em torno de interesses comuns, como em grupos de teatro, música, dança, esportes, ciências. Até campeonatos cumprem esse papel: mesmo com conflitos, o que é parte do processo, os alunos interagem, formam times, torcem uns pelos outros. As famílias podem - e devem - criar oportunidades de comunidade e interação para o adolescente convidando amigos para frequentar a casa, marcando encontros com conhecidos que moram longe, formando grupos de atividade como caminhada, corrida, almoços ou, até, de estudo. Esse tipo de hábito parece óbvio, mas momentos de presença têm sido abandonados em nome da falsa satisfação do ambiente virtual ou da aparente tranquilidade que o isolamento proporciona. Saúde social pressupõe convivência, e a convivência pressupõe reconhecer que existe um outro com quem é preciso (aprender a) se relacionar - na escola, em casa, na vida. Menos redes, mais comunidades, mais saúde!







DE PROPÓSITO

"O século XXI, com todas as tecnologias disruptivas que o acompanharam, prometeu nos tornar hiperconectados mas, na prática, nos tornou hiper(des)conectados. Convivemos menos, nos comunicamos menos. Muitos já não sabem mais sustentar uma conversa, um silêncio, uma discordância. Dados da pesquisadora Kasley Killam revelam que uma grande quantidade de pessoas relatam ficar semanas sem contato direto com amigos ou familiares. A mediação tecnológica está literalmente na mão de todo mundo; não é de se estranhar que o isolamento tenha se normalizado. Diante disso, a resposta mais eficaz não é nem tecnofóbica, nem resignada, é um exercício de perceber onde a tecnologia está mediando algo que poderia, e deveria, continuar sendo feito de forma direta: caminhar até a padaria em vez de pedir pelo aplicativo, receber o pedido das mãos de quem entrega em vez de deixar na portaria. São gestos mínimos, mas que restabelecem os encontros fortuitos que, somados, sustentam o tecido social. O mesmo vale para escola e família: tirar o celular da sala de aula não é suficiente; é preciso desenhar de propósito os momentos de convívio que a tela vem ocupando. E essa tarefa só se resolve em grupo, com um compromisso semanal presencial e inegociável em casa, como um jantar sem tela ou uma visita combinada. O que está em jogo não é a tecnologia, é o esforço que ela nos permite pular. Toda relação - com um vizinho, um colega, um filho - se constrói no atrito, na paciência, na repetição. Se a tela sempre oferece o caminho mais curto, cabe à escola e à família recriar, de propósito, os espaços onde vale a pena percorrer o caminho mais longo."

Professor Idelfranio Moreira, diretor de Ensino e Inovações Educacionais no SAS Educação











Mais sobre o Sabin Bilíngue

Perguntas e respostas para entender melhor o novo programa extracurricular

O que é?

O Sabin Bilíngue é um programa extracurricular de imersão em língua inglesa, com estruturação do idioma, oferecido no contraturno do curso regular. É um período de total exposição e interação em inglês, com acompanhamento pedagógico, projetos e vivências diversas que envolvem música, arte, esporte, tecnologia, ciências, habilidades manuais e intelectuais. É uma ampliação das oportunidades acadêmicas.

Quais são os horários?

As opções de horário consideram o período total em que o aluno permanecerá na escola, com regular e bilíngue combinados entre manhã e tarde. E com a possibilidade de acompanhamento pedagógico para aqueles que querem ou precisam estender o tempo na escola.

Ed. Infantil e 1° ano:	2° a 5° ano:	6° ano:
das 7h10 às 15h30	das 7h10 às 16h	das 9h às 18h
das 9h30 às 18h	das 9h às 18h	das 7h10 às 18h*
das 7h10 às 18h*	das 7h10 às 18h*	

*com acompanhamento pedagógico

Quem pode se matricular?

Crianças que estudam no Sabin da Educação Infantil ao 6° ano do Fundamental. Mas todos os alunos vão usar o espaço em projetos e aulas com especialistas.

Qual é o foco do programa?

Projetos investigativos - acadêmicos, esportivos e culturais - com o objetivo de promover o desenvolvimento cognitivo e a fluência em inglês.

Qual é a base do projeto pedagógico?

Ele é pautado em um currículo de imersão focado em resultados mensuráveis e na progressão acadêmico-linguística - utilizando conteúdos de *Language Arts*, com foco em gêneros textuais; e de *Science*, com investigação científica e projetos *hands-on* (mão na massa).

Do ponto de vista da formação, o que se espera ao final do programa?

Um estudante fluente em língua inglesa, leitor e comunicador, investigador, capaz de formular hipóteses, analisar textos críticos e colaborar em projetos variados - com visão global e consciência cultural.

É permitido falar português no prédio do Bilíngue?

O inglês é a língua oficial de instrução, interações e registros nas rotinas do programa. O português pode ser usado em momentos de acolhimento emocional ou de mediações interpessoais pontuais.

Como é o dia a dia no Sabin Bilíngue?

A rotina começa com uma roda de conversa sobre as propostas do dia. Em seguida, as crianças participam de atividades dos projetos investigativos de cada área, dependendo do dia da semana, com momentos de descanso e cuidados pessoais. Todos os alunos do Bilíngue almoçam no restaurante do prédio novo.

Além do pedagógico, o que esse contraturno oferece?

Total acolhimento para a criança passar o dia na escola. Um espaço seguro, moderno, educador e lúdico, com muitas oportunidades de aprendizagem, investigação e diversão.

Com a ISP, o Sabin Bilíngue funciona como ponte para a internacionalização?

Sim. Entre os cinco pilares de aprendizagem da ISP, dois têm conexão direta com as nossas propostas: o multilinguismo e o ILOS (*International Learning Opportunities*) - experiências como intercâmbios, projetos entre escolas da rede, eventos globais e liderança estudantil. A arquitetura do novo prédio e as atividades do curso focam nesse multiculturalismo que a ISP traz, com espaços exclusivos.



Quem é a coordenadora?

Marion Celli

é Doutora em Letras - com o foco de pesquisa em linguagem e educação multilíngue. É apaixonada pelo ensino e pela aprendizagem de idiomas. Fez estágios de pesquisa na Universidade do Porto (U.Porto), em Portugal, e na Université Sorbonne Nouvelle, em Paris, na França. Sua trajetória começou na Educação Básica: trabalhou no Colégio Vital Brazil de 2012 a 2017, na Escola AB Sabin de 2012 a 2022, e está no Albert Sabin desde 2018. "A experiência em sala de aula foi fundamental para mim, especialmente nos II anos em que atuei como única teacher da AB Sabin. Tudo que vivi e aprendi, na troca constante com as crianças, com a equipe de professores e coordenadores, e participando ativamente do dia a dia e dos eventos, moldou a educadora que sou e me preparou para o passo que dou agora ao assumir a coordenação do Sabin Bilíngue. Acredito que, hoje, o maior desafio de coordenar esse programa é alinhar a fluidez pedagógica entre o turno regular e o contraturno em inglês, assegurando o acolhimento dos alunos e a formação especializada dos professores em metodologias investigativas integradas ao ensino da língua", diz Marion, que também se especializou em Neurociência Aplicada à Educação, e faz atualmente um MBA em Gestão Escolar.



Aventura e diversão *in English*!

Novo prédio, novo espaço, novas oportunidades de movimento no Sabin Bilíngue

Climbing, Parkour, Skateboarding and Circus Arts - let's try new activities! A moderna arquitetura do prédio construído para o Sabin Bilíngue abriu espaço para que o colégio investisse em novas atividades esportivas e lúdicas: em 2027, começam as aulas de **escalada, parkour, skate e circo** para os alunos do Bilíngue que quiserem se aventurar. "Foi a concepção do formato do novo prédio que nos inspirou a pensar em possibilidades desse tipo. A partir de conversas e estudos, nossa equipe selecionou essas modalidades porque elas ampliam as possibilidades de aprendizagem ao proporcionar aos alunos diferentes experiências e novos desafios", explica o professor de educação física Marcelo Nunes. As novas atividades entram na programação do Bilíngue em temporadas, ao longo do ano. As aulas de ginástica vão contemplar o circo, e a iniciação esportiva vai abarcar a escalada, o parkour e o skate. "As modalidades que estamos oferecendo no Bilíngue reforçam benefícios que já trabalhamos em outros esportes, principalmente autonomia e autoconfiança. E com o diferencial de ser tudo em inglês!", acrescenta a professora de balé Fernanda Massarico.

"Já oferecemos no curso regular um portfólio bastante variado dentro do programa de Esportes & Cultura", comenta o coordenador Paulo Vieira. "No Bilíngue, estamos propondo ampliar e abrir os horizontes com diversidade de práticas, equipamentos e tipos de preparação. Temos, no Sabin, uma visão clara sobre a ampliação do repertório motor das crianças: vamos na contramão da especialização precoce, pois acreditamos que aumentar a 'biblioteca motora' dos alunos é contribuir para a formação geral. Para a faixa etária do Sabin Bilíngue, que vai do Infantil ao 6º ano, entendemos que o parkour, a escalada, o skate e o circo vêm enriquecer muito essa biblioteca", esclarece Paulo. Todas as novas modalidades contribuem para o desenvolvimento de coordenação motora, equilíbrio, agilidade, força, flexibilidade, percepção espacial, consciência corporal, concentração e capacidade de resolução de desafios; as atividades serão realizadas de forma progressiva e inclusiva, respeitando a idade, as habilidades individuais e os limites de cada criança.

Parkour - saltando e aterrissando

A *International Gymnastics Federation* (FIG) reconhece o parkour como uma modalidade esportiva e a define como "a arte de ir de um ponto a outro com eficiência e fluidez, superando obstáculos". Esse esporte explora corrida, saltos, aterrissagens, rolamentos, escaladas e outros movimentos. O parkour na escola propõe uma prática corporal de aventura, valorizando a criatividade e a relação consciente e responsável com espaços, materiais e colegas - com toda a segurança que o ambiente escolar oferece.

Parkour vocabulary: *obstacle, wall, bar, rail, platform, block, route, jump, run, climb, crawl, vault, roll, land, balance, jump over, go under, go around, go through, wall run, precision jump, Jump over the obstacle, Go under the bar, Keep your balance, Look before you jump, Land safely, Choose your route, Find your way through, Can you get to the other side?, Try again!*

Climbing - subindo e descendo

Na parede de escalada, os percursos são organizados de acordo com diferentes níveis de dificuldade. Mas chegar ao alto é só parte do desafio: antes de avançar, a criança precisa decidir como fazer cada movimento. Precisa observar, pensar, analisar, escolher, distribuir o peso do corpo, encontrar o melhor apoio para os pés, a melhor forma de segurar e se manter firme com as mãos, e o melhor caminho para dar o próximo passo. Entre subidas e descidas, é preciso raciocinar para combinar movimentos, força e tomadas de decisão.

Climbing vocabulary: *climbing wall, climb, hold, handhold, foothold, harness, rope, helmet, climbing route, crash mat, reach, grab, step, stretch, pull, push, balance. Hold on, Climb up, Climb down, Move your foot, Move your hand, Find your next hold. Where will you put your foot?, Reach higher!, Keep your balance!, Look up!, Take your time!, Which route will you take?, You made it!*

Skateboarding - equilíbrios e manobras

Uma das melhores skatistas da história mundial é brasileira e, para quem não lembra, a campeã Rayssa Leal começou a praticar esse esporte quando tinha seis anos de idade! Mas a iniciação pode começar ainda antes, aos dois ou três, com os primeiros fundamentos e treinos de equilíbrio. Com o tempo, os treinos evoluem, os exercícios ficam mais complexos e as crianças são apresentadas às manobras. O mais importante é se divertir, sempre com todos os equipamentos de proteção. Esta modalidade trabalha bastante os músculos das coxas e das panturrilhas, priorizando a aprendizagem por meio da experimentação.

Skateboarding vocabulary: *board, deck, wheels, helmet, knee pads, elbow pads, ramp, ride, push, turn, stop, balance, roll, jump, drop in, fall, land, trick, kickturn, ollie. Get on your board, Keep your balance, Push with your foot, Keep your knees bent, Look ahead, Slow down, Turn left, Turn right. Keep going, Nice balance!*

Circus Arts - acrobacias e malabarismos

Com foco na brincadeira, essa prática na escola é usada como ferramenta educativa que integra movimento, imaginação, expressão e sensibilidade, aproximando as crianças da linguagem artística do picadeiro - o palco do circo. Acrobacias, malabarismos, expressão corporal e jogos circenses compõem as aulas, que promovem a socialização e o trabalho em equipe. O circo permite experimentar, errar, ajustar, tentar novamente e investigar diferentes maneiras de realizar um movimento. Habilidades são descobertas e exploradas, sempre observando e potencializando a capacidade, o estilo e a preferência de cada criança.

Circus Arts vocabulary: *acrobatics, aerial arts, juggling, clowning, balancing, aerial silk, trapeze, prop, ball, hoop, ring, ribbon, rope, juggling clubs, scarf, mat, balance, juggle, throw, catch, spin, roll, jump, stretch, hold, climb, swing. Throw and catch, Hold this position, Spin slowly, Try to balance on one foot, Choose a prop, What can you do with it?, Create your own movement. Keep your balance, Arms up!*



A inteligência artificial e a educação

Pesquisadoras de Harvard tentam responder as perguntas complexas de alunos do 5º ano

As pesquisadoras **Beck Tench** e **Dan Be Kim**, do *Center for Digital Thriving* (Centro para o Desenvolvimento Digital) do *Project Zero*, da *Harvard Graduate School of Education,* conversaram com os alunos do 5º ano B sobre a IA, seu uso na educação e suas possíveis influências no futuro.



Dan Be Kim desenvolve programas de alfabetização em IA para educadores e estudantes. Seu trabalho investiga o uso responsável e ético da IA na Educação. Dan Be teve contato com abordagens pedagógicas na Coreia do Sul, na Índia, nos Estados Unidos, no Canadá e na Alemanha.



Beck Tench tem uma curiosidade profunda sobre como viver bem em um mundo radicalmente conectado. Sua pesquisa explora como as pessoas encontram esperança e desenvolvem autonomia no mundo digital – individual e coletivamente. A Dra. Beck também dá aulas em Harvard.

De onde a IA tira suas respostas?

A IA é como um computador que leu uma quantidade enorme de coisas - mais do que todos nós juntos conseguiríamos ler ao longo da nossa vida inteira - e se lembra de tudo que leu. Então, quando você faz uma pergunta para a IA, ela responde com base na memória do que leu. Às vezes, acerta; às vezes, erra; e, às vezes, a IA inventa mesmo, porque ela sempre dá uma resposta. Mas ela vai ficando melhor com o uso, pois estamos "testando" e ensinando a IA ao mesmo tempo: você faz uma pergunta, recebe uma resposta e, depois, diz a ela se acertou ou errou. Assim, ela vai "aprendendo e melhorando".

E com imagens? A IA tem um banco de imagens prontas ou cria novas?

Assim como funciona para gerar textos, a IA que gera imagens é treinada com uma enorme quantidade de imagens encontradas na internet, incluindo obras de artistas, muitas vezes sem a permissão deles - o que gera um grande debate! Mas, em teoria, as mesmas regras de texto se aplicam a tudo: a IA "memoriza" uma quantidade enorme de dados - imagens, vídeos, áudios - para criar algo que sempre pareça novo.

Como podemos estudar com a IA sem "trapacear", sem que ela faça o trabalho por nós?

É importante dizer que não achamos que todos os estudantes usem a IA para "trapacear". Acreditamos que vocês exploram a IA motivados por uma curiosidade genuína, um desejo genuíno de aprender mais. Vou usar esta metáfora: imagine que você precisa fazer um vaso e tem argila para modelar. Você pode até pegar um vaso pronto, que outra pessoa fez, mas a sua maneira de modelar é única, você tem sua própria voz, seu próprio estilo, seu próprio jeito de fazer. Claro que criar o seu vaso vai exigir atenção, paciência e prática. Aprender com a IA exige essas mesmas habilidades. Então, pergunte-se: "Por que eu pediria para a IA fazer o trabalho por mim? Não me sinto motivado? Não tenho tempo? Não entendo o sentido de aprender aquilo?". É importante ter consciência das suas razões e conversar sobre isso com seus colegas e professores, para que todos aprendam juntos.

Como será a escola com a IA no futuro?

Qualquer previsão é incerta. O que imaginamos é só uma possibilidade entre muitas. Uma perspectiva que nos entusiasma é o uso da "realidade aumentada" ou "realidade virtual" para estudantes aprenderem de forma interativa; como quando usamos aqueles óculos grandes para entrar em outros mundos - o Jurassic Park ou o espaço. A IA também pode ajudar os professores a ganharem mais tempo para interagir com os alunos. É crucial que a IA não substitua as interações que vocês têm com professores e colegas. Temos que trabalhar para que a tecnologia promova as conexões humanas em vez de prejudicá-las.

Vai chegar um dia em que só vamos aprender com robôs? Nós não vamos mais olhar nos olhos uns dos outros e conversar, como fazemos hoje e é tão bom?

Isso é lindo, uma observação maravilhosa! Nós acreditamos que, mesmo que tenhamos mais computadores, há muitos aspectos da aprendizagem que não têm relação apenas com ler textos, obter respostas ou interagir com uma tela. Aprender depende de olhar uns para os outros, fazer coisas juntos, ajudar e ser ajudado na sala de aula.

A IA pode prejudicar nossa saúde mental?

A IA pode fazer bem ou mal à saúde mental: depende de como você usa. Nossa mente funciona como um músculo, então, se a IA leva esse músculo a trabalhar ou aprender por um tempo excessivo, isso faz mal. E o oposto também: se você usa a IA para fazer tudo no seu lugar, nunca exercita esse músculo e suas habilidades - o que é igualmente prejudicial. O ideal é equilibrar o uso, permitindo que a mente se exercite e que descanse.

Que coisas ruins a IA pode fazer? Substituir os humanos? Tornar as pessoas viciadas e preguiçosas? Dominar o mundo?

Há realmente coisas com as quais devemos nos preocupar. Mas há, também, maneiras de protegermos o futuro. Vocês fazem parte disso, porque estão crescendo com essas ferramentas e vão ajudar a construir as novas. Não podemos permitir, por exemplo, que as IAs façam nada completamente sozinhas, sem seres humanos envolvidos. Precisamos ter regras sobre quem pode usar a IA, para evitar que alguém use para fazer coisas ruins. E devemos exigir consequências para pessoas ou empresas que usarem a IA para coisas ruins.

Quais segredos nunca devemos compartilhar com a IA?

Lembrem sempre: tudo que contam para a IA, estão contando para uma empresa que desenvolve uma ferramenta de IA. Podemos pensar em dois tipos de "segredo". Um envolve informações privadas, como seu sobrenome, seu endereço, sua senha: nunca conte essas coisas para a IA. O outro é aquele segredo que você tem medo de contar, algo de que sente vergonha, algo que machucou você: se a situação for essa, não conte para a IA, conte para alguém em quem você confia, alguém que você admira e respeita.

Que conselhos vocês dariam sobre a IA para crianças da nossa idade?

Vocês já estão fazendo exatamente o que nós recomendaríamos: perguntem! Para ampliar seus conhecimentos e suas reflexões sobre IA, vocês devem conversar com pessoas que se relacionam com a IA de diversas formas: que criam, que usam, que criticam, que elogiam, que regulamentam a tecnologia. Vocês vão perceber opiniões e perspectivas diferentes sobre o que a IA pode ou não fazer e sobre o papel dela na sociedade. E uma habilidade importante é conseguir acolher as diversas visões e se perguntar: "Com o que eu me identifico e por que me identifico com isso?". Perguntem e abram espaço para diferentes respostas. Como fizeram aqui conosco, que representamos a universidade e temos nossa visão. Aprendam a usar a tecnologia, aprendam como ela é vendida e como as empresas ganham dinheiro com ela. Aprendam a usar a IA para criar coisas que sejam importantes para vocês. E aprendam, também, quando não usá-la!

Quem você quer ser?

Reflexões sobre o feminino, o masculino, liberdade, respeito e posicionamento

É verdade que o machismo não existe mais?

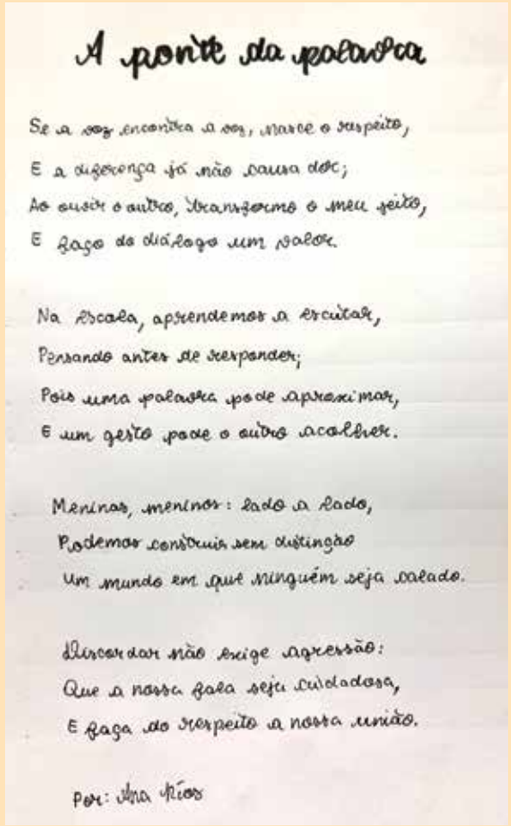


Daniel Littério Galegos, 3ª série A

Acho impossível afirmar que vivemos em uma sociedade livre de machismo. Mesmo que disfarçados, atos misóginos estão inegavelmente presentes no cotidiano de todos que frequentam espaços de interação social. Mas como se manifestam? E de que maneira esse preconceito continua trespassando gerações até os dias atuais?

Escuto com frequência: "o machismo não existe mais". No entanto, afirmo que esse preconceito não foi extinto, foi apenas transformado e, principalmente, naturalizado. Todos já escutamos "brincadeiras inofensivas" que possuem conteúdo depreciativo ao feminino, como, por exemplo: "mulher no volante, perigo constante". Frases assim, que costumam passar despercebidas ou são incentivadas por risadas, tornam a convivência diária um palco para esse tipo de atitude, o que faz com que o machismo disfarçado de piada seja naturalizado e internalizado. A ausência de contestação em relação a essas práticas discriminatórias, por serem consideradas pequenas, é exatamente o que garante que essa mentalidade persista. O fato de parecerem insignificantes permite que essas ações se transmitam na sociedade silenciosamente, da mesma forma que uma doença assintomática se espalha pelo nosso corpo; quando percebemos a presença do vírus ou da bactéria, o caso já é grave. Afinal, contra aquilo que não percebemos, seja uma doença ou um preconceito, não tomamos medidas de proteção, permitindo que siga contaminando gerações. É isso que tem garantido a disseminação e a persistência do machismo. Essa metáfora mostra, portanto, como a denúncia de atos discriminatórios é a principal forma de combate a essa problemática, agindo como vacina ou antibiótico para o machismo.

É fundamental que saibamos diferenciar brincadeiras e piadas de preconceitos mascarados. E é essencial que não aceitemos esses preconceitos como parte do nosso dia a dia. Precisamos desnaturalizar o machismo que nos foi enraizado.



A ponte da palavra

Se a voz encontra a voz, nasce o respeito,
E a diferença já não causa dor;
Ao ouvir o outro, transformo o meu jeito,
E faço do diálogo um valor.

Na escola, aprendemos a escutar,
Pensando antes de responder;
Pois uma palavra pode aproximar,
E um gesto pode o outro acolher.

Meninas, meninos: lado a lado,
Podemos construir sem distinção
Um mundo em que ninguém seja calado.

Discordar não exige agressão:
Que a nossa fala seja cuidadosa,
E faça do respeito a nossa união.

Por: Ana Rios



Ana Clara Pedro Rios - 3ª série D

Qual é o problema?



Rafaela Rotondaro Pereira, 3ª série D

Enquanto fechava a porta, a criança ouvia a pergunta costumeira da mãe sobre como tinha sido o dia na escola. A mãe esperava o de sempre: uma história sobre as brincadeiras e os desafios que a professora havia proposto. Mas hoje foi diferente. A criança trouxe um questionamento que não lhe saía da cabeça e precisava de uma resposta simples e direta.

– Hoje teve uma baita celebração! Foi o dia de a gente se fantasiar de personagem. Eu já *tava* pensando nisso fazia uns três dias: ia me vestir de Hércules. Mãããe, ele é incrível! Você já viu a força dele? E tudo que ele já fez? Ele derrotou um leão enorme e uma serpente aquática gigantesca - coisas que ninguém nunca tinha conseguido fazer antes. Então, tirei minha roupa, vesti só uma saia branca que achei no baú, sem blusa, e completei com uma coroa dourada. Fiquei igual ao Hércules, me senti incrível, como se pudesse enfrentar tudinho. Mas, aí, quando me apresentei, foi diferente do Pedro, que *tava* de Hulk, só com uma bermuda azul, e todo mundo aplaudiu. Quando cheguei, ficaram olhando *pra* mim e cochichando. Comecei a sentir muita vergonha. Eu não sabia qual era o problema, mas sabia que tinha alguma coisa errada comigo. Eu *tava* tão feliz e, de repente, do nada, só sentia vontade de sumir! A professora veio até mim e me cobriu com a blusa de frio dela, mesmo estando um baita calor. Fui *pro* banheiro e fiquei lá. Eu não queria descobrir se tinha mesmo algo errado em mim, só queria que você chegasse, mamãe.

Apreensiva, a mãe abraçou a criança, como se já soubesse qual seria a pergunta inevitável.

– Então, mamãe... Qual é o meu problema?

Mesmo sem querer explicar, sem querer esclarecer, sem querer corromper aquela ingenuidade infantil tão pura, ainda assim, a mãe respondeu:

— É porque você é menina, filha.

Cúmplices ou agentes de mudança?



Raphael de Camargo Nunes, 3ª série E

Assim como Simone de Beauvoir afirmou que "não se nasce mulher, torna-se mulher", o homem não nasce machista, a sociedade o transforma em um.

Concepções preestabelecidas de gênero construíram uma dicotomia histórica entre homem e mulher. Enquanto o homem era designado para guerrear e conquistar, a mulher assumia o papel complementar e de submissão. A manutenção desses papéis evidenciou um caráter de hierarquização das relações sociais que rapidamente converteu-se no que chamamos de machismo. O mecanismo de perpetuação do machismo ganha complexidade nas transições intergeracionais: antes, o menino era responsável por ir para a guerra; hoje, o garoto não pode expressar seus sentimentos: "homem não chora"! Em uma analogia a uma cebola, o machismo ganhou "camadas", mas continua sustentado pela mesma estrutura de desigualdade. A "machitude" é a cara do século XXI, mas, desde sempre, observamos suas manifestações dentro da sociedade patriarcalista.

Os papéis de gênero são relacionais: o que se espera do homem molda o que se espera da mulher, e é nesse processo que o preconceito fica cada vez mais implícito, retroalimentando-se pouco a pouco. A máscara que carregamos atualmente é, sobretudo, a banalização de brincadeiras nocivas e de "pequenas" agressões - evidências de um pensamento já enraizado em nossas ações. Quando nós - homens e mulheres - não protestamos ao escutar falas depreciativas, nos tornamos cúmplices do preconceito. Banalizar é, portanto, perpetuar o machismo. Uma questão precisa ser respondida, afinal: quem você quer ser? Podemos ignorar o que acontece, deixando que a sociedade já corrompida defina como o homem deve agir e como a mulher deve ser. Mas, se cada um decidir não ser cúmplice do ciclo da perpetuação do patriarcado, assumindo consciência também de nossas próprias falas e atitudes, terá sido dado o primeiro passo para combatermos a questão, escolhendo quais valores passaremos para as próximas gerações.

Os textos são de responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Colégio Albert Sabin.

Do Fab Lab da escola para o mundo

No curso de Novas Tecnologias, os estudantes do 6º ao 9º ano exploram a cultura *maker* e outras tecnologias emergentes

Até alguns anos atrás, falar em preparar estudantes para profissões que ainda nem existem soava como filme de ficção para muita gente. Mas o que parecia "um futuro distante", agora é "amanhã". Ninguém mais duvida de que as tecnologias - inteligência artificial, fabricação digital, programação, automação e novas formas de criar e produzir - estão transformando tudo no mundo com muita rapidez. Por isso, já não basta a escola saber quais tecnologias deve ensinar; é fundamental que saiba como ajudar o estudante a se perceber capaz de ser agente de transformações usando as tecnologias. Com essa perspectiva, o curso de Novas Tecnologias intensifica, desde 2025, um movimento importante: fazer com que projetos desenvolvidos pelos estudantes transbordem da escola para o mundo. E isso já está acontecendo! Alunos do Sabin apresentaram projetos e conquistaram prêmios em diversas competições, como a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia - FEBRACE 2026 -, da USP; o Desafio Maker FECAP 2025; os *hackathons* do InovaHC; e a Feira Nacional de Ciências e Tecnologia do Colégio Dante Alighieri, a FeNaDANTE.

Em julho deste ano, alunos viajaram para Boston (MA), nos Estados Unidos, e subiram ao palco do Encontro Mundial FAB26, no *Massachusetts Institute of Technology (MIT)*, para receber um prêmio do *Regenerative Futures Challenge*, concebido e financiado pela *MIT pk-12 Initiative* com a *The Fab Foundation*. Esse desafio foi criado há um ano, como relata a presidente da *The Fab Foundation*, Sherry Lassiter, para incentivar jovens inovadores em tecnologia a desenvolver soluções regenerativas que, ao mesmo tempo, contribuam para reduzir os impactos e melhorar as condições de vida e do planeta. "Pedimos que fossem além do 'o quê' da tecnologia e pensassem 'por quê' e 'para quem' criamos tecnologia. Temos orgulho da equipe do Sabin! Os estudantes ampliaram seu espaço de aprendizagem para muito além do Brasil e demonstraram capacidade de participar de processos inclusivos de inovação tecnológica", afirma Sherry, parabenizando o grupo.



Ao entrar em contato com uma comunidade mundial de *makers* que estão tentando solucionar problemas reais, os alunos levaram o que começou na bancada do Fab Lab para o debate mundial. E o Colégio também faz o movimento inverso, recebendo estudantes de outras escolas para a *Innovation Cup*, competição de tecnologia realizada durante o Fest Sabin - o que reforça o fundamental da cultura *maker*: conhecimento e inovação crescem quando compartilhados.

O curso de Novas Tecnologias faz parte do Programa Sabin+Esportes&Cultura para alunos do 6º ao 9º ano, com encontros extras semanais de aprofundamento para quem demonstra interesse e se destaca. Nesses encontros, projetos avançam, ganham novas versões e amadurecem. Quem vai para o Ensino Médio, pode permanecer conectado ao grupo, desenvolvendo seus projetos, mas assume um novo papel: torna-se mentor dos estudantes mais novos. "Formamos, assim, uma comunidade em que alunos aprendem com professores, mas aprendem também com seus pares. É um time de tecnologia", define o professor Miguel Fabricio Jacoput da Hora. "Não conhecemos todas as profissões que eles vão exercer daqui a cinco ou 10 anos, mas criamos oportunidades para que se preparem para elas; para que conheçam pessoas que estão construindo o futuro; para que não só esperem chegar, mas participem da construção desse futuro", completa o professor.

Ecossistema de aprendizagem

No centro desse movimento está o Fab Lab do Sabin, que é, antes de tudo, um ecossistema de aprendizagem: um espaço com impressoras 3D, cortadoras a laser, componentes eletrônicos e computadores, onde uma ideia vira um desenho, um desenho vira um protótipo, um protótipo pode - e vai - falhar, e é preciso voltar, observar, entender o problema, testar novamente, pedir ajuda, insistir e persistir. No Fab Lab, o erro é fonte de informação para evoluir. Pesquisas sobre *maker-centered learning* desenvolvidas pelo *Agency by Design*, do *Project Zero da Harvard Graduate School of Education*, ajudam a compreender isso. O conceito de *maker empowerment* propõe que crianças e jovens desenvolvam conhecimentos técnicos, mas também a capacidade e a disposição para perceber que objetos e sistemas do mundo ao redor foram projetados e, portanto, podem dar erro e devem ser repensados e renovados. O professor Miguel confirma que é isso que ele vê acontecer no Fab Lab: "Quando o estudante identifica um problema, investiga como um sistema funciona, imagina alternativas, constrói um protótipo, erra, recebe *feedback* e tenta de novo, ele enxerga que a tecnologia não é só conteúdo, mas uma linguagem para investigar e transformar o mundo".

"Queremos estudantes capazes de olhar para um problema, compreender sua complexidade e enxergar oportunidades para agir; que tenham curiosidade para investigar, coragem para experimentar, resiliência para recomeçar e confiança para compartilhar suas ideias. O objetivo não é formar apenas pessoas que saibam *fazer coisas*, mas que reconheçam sua própria capacidade de *transformar coisas*. Um prêmio é motivo de orgulho, mas há algo ainda mais importante acontecendo quando nossos estudantes sobem em palcos externos pelo mundo, apresentam projetos e conversam com pessoas que pareciam distantes: eles percebem que podem estar nesses lugares! Entendem que sua voz e suas ideias também devem fazer parte das conversas sobre o futuro. E voltam diferentes para a escola, trazendo novas perguntas, referências e sonhos que passam a circular entre os colegas. Nosso time de tecnologia está crescendo; além de representar o Colégio em competições, cada aluno do time representa também suas próprias ideias e tudo que é capaz de fazer. Quando retornam de um evento, é bonito perceber a transformação e o empoderamento dos estudantes na postura, nas palavras e na energia que demonstram para seguir pesquisando, trabalhando e melhorando seus projetos."

Graziella Matarazzo, coordenadora de Tecnologia e Inovação









"No curso de Novas Tecnologias, que faço desde o 6º ano, eu entendi conceitos, me aprofundei, aprendi coisas do mundo da engenharia e da eletrônica, e também desenvolvi habilidades como falar em público, saber preparar e apresentar projetos em feiras competitivas, socializar e trabalhar com pessoas novas. Na mentoria para os menores, passo conteúdo, trago perspectivas, e mostro resoluções mais simples, detalhadas e eficientes para erros que cometi e que eles ainda cometem. Meu desenvolvimento no curso me leva a pensar em seguir na área da engenharia, ou do design para criação de projetos."

Leonardo Jun Watanabe, 1ª série do EM



Solidariedade: a respiração da vida em comum

Oportunidades de voluntariado e trabalho solidário engajam alunos e professores

O mais encantador no voluntariado está em cada descoberta do dia a dia, no fazer e no pensar em como transformar o mundo. Muitos dos nossos alunos vêm à escola cientes de seus privilégios e com uma vontade clara de fazer algo pelo outro! Vários são também voluntários em suas comunidades", declara a professora Gabriela da Silva Duarte, coordenadora do Impacta Sabin - uma das oportunidades de voluntariado e trabalho solidário que o Colégio oferece. A professora Gabi, que sempre viveu o voluntariado pela sua formação familiar, trabalha com os alunos do Ensino Médio e comemora o crescimento do grupo neste ano: "Quando entrei no time do Impacta Sabin, em 2025, iniciamos com seis matrículas; hoje temos quase 40 inscritos!". Entre ações voltadas a pessoas carentes, em vulnerabilidade social e até refugiados, o grupo estuda estatutos, promove campanhas e visita instituições. Em lares de idosos, os jovens oferecem escuta, conversam, leem, jogam dominó, pintam e cozinham, experimentando um rico tempo de troca intergeracional - e de reflexão e crescimento ao reconhecerem ali seus avós ou cuidadores antigos da família. Em campanha do agasalho com a Cruz Vermelha de São Paulo (CVSP), os alunos dão diversas contribuições: percorrem a escola para divulgar a arrecadação de roupas, realizam a triagem e participam dos circuitos de doações, além de conhecer mais ações visitando o prédio da instituição. "Fazemos esses e outros trabalhos que envolvem humanidade, civilidade e urbanidade", descreve Gabriela.

O professor de sociologia Davi Boruszewski coordena o Projeto Voluntariado, com alunos de 8º e 9º anos. "Paulo Freire ensina: 'A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem'. No nosso programa, cada jovem encontra seu lugar, sua voz, sua maneira de contribuir. É um exercício de liberdade responsável e de autoria coletiva. Eu acompanho como orientador, mas são os estudantes que assumem o protagonismo, organizando comissões conforme brotam os projetos", explica Davi. Em parceria com a Liga Solidária, o grupo - com cerca de 25 alunos - participa de visitas a entidades com alguma carência para identificar necessidades do lugar e da comunidade local, propor soluções e ajudar a realizar melhorias. Os alunos voluntários também dão apoio em festas e eventos internos da escola; uns cuidam de aspectos práticos e outros se dedicam à criação, com pesquisa e produção de conteúdo. com pesquisa e produção de conteúdo. "Eles se entregam e o resultado é maior do que a expectativa inicial", conclui a professora Gabriela.













Projeto Voluntariado - EFAF (8º e 9º anos)

Atividade extracurricular do Sabin+Esportes&Cultura.

Coordenação:
Professor Davi Boruszewski

Impacta Sabin - Ensino Médio

Disciplina eletiva, itinerário formativo com avaliação por meio de resenhas, trabalhos, vídeos e outras formas de traduzir as reflexões dos estudantes.

Coordenação:
Professora Gabriela da Silva Duarte



"Sempre fui ligada a pensar no próximo e ajudar quem precisa; recebi esse exemplo dos meus pais. No Voluntariado do Sabin, experimento ações concretas com o grupo e realizamos diversos projetos com a Liga Solidária. Participar disso transforma também a minha vida porque fazer o outro feliz é realmente transformador."
Juliana, 8º ano

"Comecei a participar do Voluntariado porque quero fazer alguma diferença no mundo. Eu cuido da nossa sala, organizo os projetos que estamos desenvolvendo e preparo as saídas com a Liga Solidária. É gratificante ver a alegria das pessoas que recebem nossa ajuda. O Voluntariado não é uma coisa pequena; pode mudar a vida de alguém."
Rafael, 8º ano

"É muito interessante participar das ações do Impacta Sabin. Ajudar as pessoas me motiva. Fizemos visitas à Casa Vovô Feliz e experimentei um mundo completamente diferente do meu. Aprendi muito com os frequentadores do lar: foi importante e emocionante poder ouví-los e ajudá-los. Visitamos também a sede da Cruz Vermelha, onde ajudamos na triagem de roupas e acessórios para serem distribuídos a quem precisa. Fazer parte disso me faz pensar em quanta gente precisa de ajuda!"
Alice Vitória - 1ª série do EM

"Com 12 anos de idade, eu já participava de ações com arrecadação de roupas. Meu amor pelo voluntariado veio da minha avó, que nasceu em uma pequena cidade no Rio Grande do Norte, não teve acesso a estudo, mas ajudava todos que passavam pelo seu caminho. Quando viajávamos de ônibus, ela carregava caixas de produtos de higiene, roupas, alimentos e dizia: 'Vai que alguém precisa, né fia?'. Vó Ana ensinou aos filhos e netos a importância de olhar ao redor. Inspirada por ela, deixo sempre espaço no armário e no carro para as doações que recebo de amigos, colegas e alunos. Essa história me levou a atuar na International Red Cross, na Dinamarca, onde comecei a trabalhar com refugiados dos campos lá e em outros países."
Professora Gabi

envolvem arte contam com espaços grandes onde diversos materiais - como argila, massinhas naturais e muita tinta - são oferecidos para que a criança possa usar os movimentos corporais e todas as partes do corpo para criar e pintar. "É até uma forma de perceberem o próprio corpo, onde ele começa e onde ele termina", complementa a professora Ju. "Dentro dessa perspectiva, apresentamos para a turma uma bailarina que faz pintura com o corpo: ela deita no papel branco com pedaços de carvão nas duas mãos e vai dançando e desenhando. Organizamos a mesma proposta para as crianças, que experimentaram esse 'corpo riscador', se divertindo, se movimentando e fazendo arte. Foi lindo!"

Base

Todo esse esforço para criar contextos, histórias e brincadeiras acontece porque, embora a criança se movimente o tempo todo naturalmente, propor um sentido lúdico ao movimento engaja mais a criança e enriquece a aprendizagem. A diretora da AB, Silvia Adrião, esclarece que toda a pedagogia de movimento realizada na escola é embasada em estudos e na antropologia da infância: "Alguns movimentos e descobertas são comuns às infâncias da humanidade e se repetem, ciclicamente, de geração em geração - como, por exemplo, o ato de cavar, de se fincar na terra, de construir esconderijos, de se dar contorno, de se fazer abrigo. Nós, educadores, devemos instigar, permitir, dar ferramentas e garantir espaços para que as crianças experimentem e descubram tudo isso; para que possam se expandir e se desenvolver integralmente". Silvia enfatiza que são esses processos humanos de descoberta do corpo em movimento que a escola busca olhar com atenção e fomentar continuamente.







SUGESTÕES PARA AS FAMÍLIAS

PARA LER

"A Geração Ansiosa", de Jonathan Haidt - O apelo do livro é: devolvam às crianças a independência e as brincadeiras livres. O autor é cofundador da *Let Grow*, movimento que defende tempo e liberdade para brincar sem superproteção ou supervisão excessiva.



PARA SE MOVIMENTAR

Deixe a criança: subir em árvore, correr na grama, se sujar na lama, pisar na poça d'água, fazer uma trilha, andar de bicicleta, caminhar pela calçada, passear na feira, brincar na piscina, subir e descer escada, experimentar pisadas incomuns - como um pé só, dois pés, ponta do pé, calcanhar, de costas, de lado, de ponta-cabeça (será que dá?).

COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades



ESCOLA ABSABIN
Um, dois, todos



A importância do movimento

Movimentar-se é fundamental para o desenvolvimento da criança em todos os campos da aprendizagem



"Que saudade!", exclamou uma menina correndo de braços abertos por um espaço livre da escola. A saudade da criança era do lugar, que ficou fechado por alguns dias, mas era, principalmente, da alegria de se movimentar naquele universo onde ela brinca diariamente. Essa saudade personifica um conceito que a AB Sabin prioriza: infância é movimento. O físico, das descobertas nas aulas de corpo, gesto e movimento; e também o movimento mais amplo, do corpo que explora e investiga o mundo nos diversos campos da aprendizagem. A escola não separa "corpo e mente" porque o desenvolvimento dos componentes físico, cognitivo, emocional e comportamental não acontecem isoladamente na infância; ao contrário, nessa fase, os movimentos estão todos juntos em plena expansão. "O movimento é a principal linguagem na primeira infância; é muito importante desafiar a criança a se movimentar com liberdade para explorar seu potencial e sua curiosidade. Na nossa escola, o movimento está em tudo o tempo todo, nessa grande junção de emoção, cognição e ação", afirma a coordenadora pedagógica da AB, Suzy Vieira. Mesmo para a criança bem pequena, que ainda está começando a andar, Suzy pontua que o movimento livre é fundamental - e alerta que é preciso avaliar em quais momentos o colo é realmente necessário. "Acolhemos cada







faixa etária com suas necessidades, mas é nossa função incentivar a criança a agir, a ir além, a subir mais um degrau", diz a coordenadora.

Corpo, gesto e movimento

Quanto mais permite que a turma experimente e se arrisque, mais desenvolvimento motor o professor de educação física Felipe Benazzi Arteiro observa. "Eles estão começando a descobrir tudo, estão à flor da pele, com a mente agitada e o corpo querendo se expressar. Devemos deixar à disposição ambientes preparados para que explorem ao máximo - naturalmente ou com estímulos", sugere Felipe, destacando que desafios maiores não devem ser evitados pois contribuem com o exercício da coordenação e fortalecem a persistência e a coragem. Segundo Felipe, se não tiver sido desafiada e encorajada desde pequena a seguir adiante, a criança, quando cresce, costuma apresentar mais receio para lidar com situações adversas e mais dificuldade para criar coragem. Os desafios são brincadeiras como estas: "Circuitos psicomotores" - salta, rola, anda de lado, equilibra; "Siga o mestre" - na quadra, ou no bosque, com terreno irregular; "Diversão na piscina" - resgate de objetos, fuga do tubarão, transporte boiando, atividades de adaptação ao meio líquido, aprendendo a soltar bolhinhas e não engasgar; "Cama de gato" - labirinto de elásticos ou fitas para atravessar sem encostar, com dificuldades a mais para cada idade, como recolher brinquedos no caminho ou levar objetos coloridos para as bases equivalentes. "No final da aula, fazemos pega-pega, com variações que eles ajudam a criar e adoram: monstro de lama, robô, abelha-rainha, mosquito, pernilongo e outros. É um sucesso!", conta Felipe.

Dançando e pintando com o corpo todo

A professora Juliana Sá ampliou seu olhar sobre as experiências de movimento - do recorte físico para todos os campos - quando foi da educação física para a pedagogia. Atualmente ela atua no Infantil 2 e vê os movimentos cotidianos fazendo parte de cada pequena conquista da criança. "Elas se desafiam aos poucos, as habilidades vão sendo desenvolvidas e a autoconfiança vai aumentando. Quanto mais demonstramos que acreditamos que elas podem, mais elas acreditam em si mesmas", compartilha Juliana. Além das brincadeiras de correr, pegar, esconder e achar, a professora destaca as atividades que envolvem sons: "A música colabora muito para as propostas de movimento. Basta ter música, que eles saem pulando! Quando pego meu pandeiro e começo a tocar e cantar, todos vêm correndo! Adoram canções que sugerem um movimento específico, como do jacaré ou da cobra. A dança agrega, une o grupo e permite que a criança se expresse com sensibilidade".

Entre tantas possibilidades que envolvem música e dança, uma proposta com a turma foi ainda mais abrangente e acrescentou arte ao contexto. Juliana explica que as crianças que acabaram de aprender a andar não se contentam em ver as coisas só com os olhos, querem ver com as mãos, os pés, os braços, o corpo todo. Por isso, os projetos que









ESCOLA ABSABIN
Um, dois, todos

Part of iSP International Schools Partnership

cultura&informação

A REVISTA DO SABIN

2º semestre de 2026 – ano 32 – nº 90